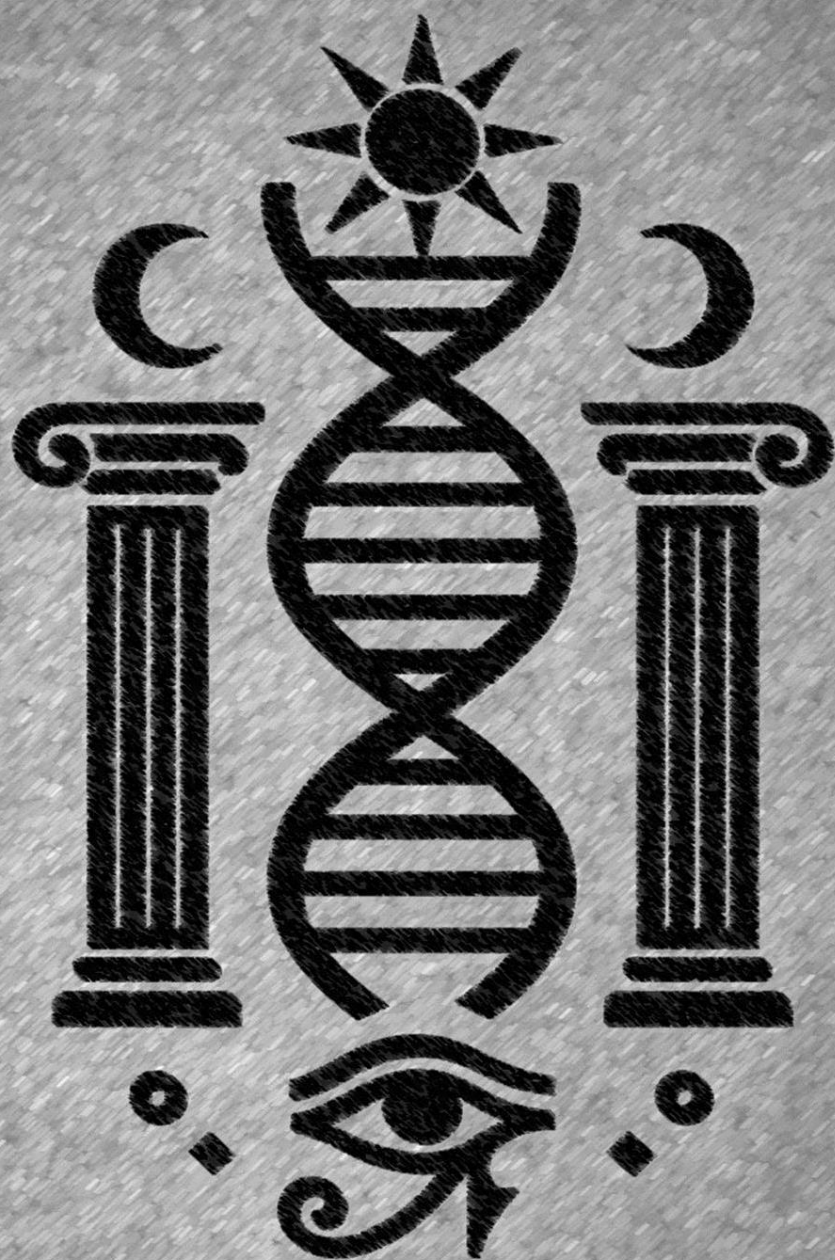




Fernando Pereira Bacelar
Giselle Oliveira Reis.

O Cérebro de Matrioska: O tempo de Kairos

1º Edição:

1º Edição do autor
Manaus
2025

O Cérebro de Matrioska:

O tempo de Kairos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bacelar, Fernando Pereira

O cérebro de Matrioska : o tempo de Kairos /
Fernando Pereira Bacelar, Giselle Oliveira Reis.
-- 1. ed. -- Manaus, AM : Ed. das Autoras, 2025.

ISBN 978-65-01-73651-8

1. Ficção de suspense 2. Mistérios 3. Suspense
Ficção I. Reis, Giselle Oliveira. II. Título.

25-307480.0

CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura brasileira B869

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Prefácio

Este livro nasceu do fascínio pelas ruínas e pelas perguntas que atravessam milênios: quem somos, de onde viemos e qual o papel do tempo em nossa existência? Entre desertos da Mesopotâmia, corredores de Roma e segredos guardados em pirâmides, a narrativa conduz o leitor não apenas por uma aventura, mas por uma reflexão sobre a condição humana. Este não é apenas um romance de suspense, é também uma arqueologia da alma.

ΕΠΙΣΤΗΜΗ

ΤΕΧΝΗ

ΤΕΧΝΟΛΟΓΙΑ

ΚΑΤΑΛΟΓΟΣ



ΜΕΛΑΤΑ

ΕΟΡΤΕΟ

ΔΙΕΥΡΥΝΣΙΣ ΤΗΣ ΕΚΔΟΣΗΣ

ΝΑΙΣ ΝΑΙΣ ΜΙΟΝΙΟΝ

ΕΥΡΥΝΟΜΙΑΤΕΣ ΝΤΥΧΕ

ΕΛΕΥΘΕΡΙΑ ΟΟΔΟ

ΕΠΙΣΤΗΜΗ
ΤΕΧΝΗ
ΤΕΧΝΟΛΟΓΙΑ
ΚΑΤΑΛΟΓΟΣ
ΜΕΛΑΤΑ
ΕΟΡΤΕΟ
ΔΙΕΥΡΥΝΣΙΣ ΤΗΣ ΕΚΔΟΣΗΣ
ΝΑΙΣ ΝΑΙΣ ΜΙΟΝΙΟΝ
ΕΥΡΥΝΟΜΙΑΤΕΣ ΝΤΥΧΕ
ΕΛΕΥΘΕΡΙΑ ΟΟΔΟ

ΕΠΙΣΤΗΜΗ

ΤΕΧΝΗ

ΓΕΩΜΕΤΡΙΑ

ΑΡΙΘΜΟΣ



ΜΕΛΕΤΑ

ΕΡΓΕΟ

ΔΙΕΥΡΥΝΣΙΣ ΤΗΣ ΓΝΩΣΕΩΣ

ΝΑΙ ΤΗΣ ΔΕΙΜΝΟΓΕΝΕΙΑΣ

ΕΝ ΤΗ ΚΑΤΑ ΤΗΝ ΕΠΙΣΤΗΜΗΝ

ΕΡΕΥΝΑΝΤΩΝ ΟΔΟΝ

ΕΠΙΣΤΗΜΗ
ΤΕΧΝΗ

Prólogo

*Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” — João
8:32*

O jipe sacolejava, levantando uma nuvem de poeira ocre que obscurecia o horizonte, mas não a determinação nos olhos de Elliot. Ao seu lado, a Dra. Lena Petrova, com seus óculos na ponta do nariz e um mapa antigo, parecia absorvida pela paisagem, a mente já desvendando os segredos soterrados. Chegar a Kish era mais do que uma expedição, era um retorno ao berço da civilização, um mergulho nas entranhas da própria história.

O veículo parou bruscamente o motor, antes ruidoso, silenciou, substituído apenas pelo assobio do vento e pelo ritmo lento e pesado do próprio deserto. À frente, não havia uma cidade imponente, mas uma série de montículos ondulantes, como cicatrizes colossais na face da terra. Eram os tells, colinas artificiais formadas ao longo de milênios. Imagine uma cidade sendo construída, habitada e depois abandonada ou destruída. Em vez de remover os escombros, os antigos habitantes simplesmente nivelavam o terreno e construíam uma nova cidade por cima. Repita esse processo centenas de vezes, e o que você obtém é uma elevação gigante, uma verdadeira "montanha" de ruínas acumuladas.

Elliot, o arqueólogo, desceu primeiro. Seus dedos, calejados por anos de escavações, tatearam a areia quente. Pequenos fragmentos de cerâmica, gastos pelo tempo e pelo vento, estavam espalhados por todo lado, como migalhas de pão de uma refeição há muito esquecida. Lena, a historiadora, veio logo atrás, seus olhos ávidos varrendo a vasta extensão de aparente desolação. Ela não via apenas areia e pedras, via as ruas agitadas, os merca-

dos vibrantes, os templos elevados de uma cidade que uma vez governou o mundo.

Com o sol iraquiano já alto, Elliot e Lena começaram sua prospecção. O mapa topográfico, rasurado com anotações e contornos, era seu guia inicial. Elliot caminhava metodicamente, seus olhos treinados buscando as anomalias na paisagem. Uma leve elevação aqui, uma depressão sutil acolá cada uma poderia ser a marca de uma antiga parede, um canal de irrigação ou o rastro de uma estrada. Ele agachava-se frequentemente, examinando a cor da terra, a presença de cascalho ou de vestígios de argila queimada. —Aqui Lena— Ele exclamou, apontando para uma mancha mais escura no solo provavelmente uma área de fornos. Talvez um antigo distrito artesanal.

Lena, enquanto isso, observava os padrões maiores. Ela imaginava o fluxo do Eufrates em sua época de glória, os campos verdes que se estendiam para fora dos muros da cidade, as caravanas que chegavam com riquezas do Leste e do Oeste. Ela buscava os vestígios de canais secos, as valas que outrora transportavam a vida para esta terra. Onde a água fluía, a civilização florescia. A compreensão da geografia antiga era tão crucial quanto a escavação de um poço.

À medida que se aproximavam, as ruínas começaram a se materializar, não como construções intactas, mas como esqueletos de pedra e barro. Grandes blocos de tijolos de adobe, cozidos e secos pelo tempo, emergiam da areia, marcando o que antes foram fundações sólidas. Em alguns pontos, as paredes, embora desmoronadas, ainda mostravam a imponência de antigas estruturas.

—Veja isso, Elliot! — Exclamou Lena, ajoelhando-se ao lado de um pedaço de rocha esculpida. Não era grande, mas a forma sugeria um fragmento de estela, talvez com uma inscrição. Elliot pegou sua escova e com delicadeza removeu a areia. A superfície rugosa revelou traços do que parecia ser cuneiforme, a escrita dos sumérios. O coração de ambos acelerou.

A busca por artefatos antigos não era uma corrida por tesouros cintilantes e chamativos, mas uma caçada por fragmentos de um quebra-cabeça colossal. Cada pedaço de cerâmica, cada osso fossilizado, cada minúscula conta de vidro era uma palavra em um texto esquecido. Eles procuravam por selos cilíndricos, que eram como as assinaturas da antiguidade, selando documentos e propriedades. Sonhavam em encontrar uma nova tabuleta como a famosa Tabuleta de Kish, um pedaço de argila que revelaria novas facetas da escrita e da burocracia primordiais.

O sol começou a declinar, lançando longas sombras, transformando os montes de terra em silhuetas misteriosas contra um céu alaranjado. A fadiga começava a pesar, mas a excitação de estar ali, pisando na terra de reis e escribas, era um combustível inesgotável. Kish, adormecida por séculos, estava pronta para revelar seus segredos, e Elliot e Lena estavam prontos para escutá-los. A verdadeira aventura estava apenas começando, e cada nova descoberta seria um passo mais profundo no coração da história.

O sol se punha sobre os tells de Kish, pintando o céu iraquiano com tons de fogo e ouro. As longas sombras das ruínas se estendiam pelo deserto, como fantasmas de uma civilização grandiosa. Apesar das inúmeras cerâmicas, dos indícios de antigas paredes de adobe e dos fragmentos cuneiformes que haviam

examinado, um certo desassossego persistia em Elliot. Ele havia visto as promessas, tocado as evidências, mas algo ainda o inquietava. A vastidão do sítio, a sensação de que cada monte de terra guardava segredos ainda maiores, o impelia a querer mais. Sua paixão pela arqueologia era insaciável, e cada descoberta, em vez de satisfazê-lo, apenas atiçava sua fome por desvendar o que ainda estava oculto sob as areias.

Lena, por outro lado, estava radiante. Seus olhos brilhavam com a alegria genuína de quem desvendou um pedaço do passado. Cada inscrição fragmentada, cada tipo de cerâmica identificada, era uma vitória. —É incrível, Elliot— Ela exclamou, com a voz embargada pela emoção — A riqueza de informações que essa terra nos oferece! — Ela queria ficar, cada fibra de seu ser ansiava por mais dias de poeira e descobertas, mas as obrigações chamavam. No dia seguinte ela teria que pegar o voo de volta para Washington, onde a aguardava a rotina da universidade e a responsabilidade de transmitir esse conhecimento inestimável aos seus alunos.

Elliot, com um suspiro, compreendeu. A ciência exigia essa dualidade, o trabalho de campo exaustivo e a pesquisa acadêmica meticulosa. Mas, para ele, a despedida de Kish seria adiada por mais um dia. Lena partiria, mas ele permaneceria. —Tudo bem, Lena— Elliot disse, com um sorriso melancólico. — Amanhã você voltará à civilização. Mas e esta noite? O que acha de aproveitarmos essas últimas horas para afiar minha leitura de sumério? Tenho algumas das fotos das inscrições que encontramos no tell principal. Seria uma despedida perfeita.

Lena sorriu, um olhar distante. —Elliot, você só pensa em trabalho. Porém nada me deixaria mais feliz do que ajudar você a melhorar sua comunicação seja em qual idioma for.

Enquanto o sol finalmente desaparecia, deixando o deserto sob um manto de estrelas, os dois se sentaram, iluminados por uma lanterna portátil. Juntos, os olhos de Elliot e Lena percorreram as linhas empoeiradas das imagens digitais, desvendando as palavras de uma civilização esquecida. Naquele momento, entre o passado e o presente, a paixão pela história unia duas mentes, mesmo que a distância de continentes logo se pusesse entre os dois.

O jipe, agora com a porta de Lena aberta para a brisa fresca do amanhecer iraquiano, aguardava. O sol começava a espreitar no horizonte, tingindo o céu de tons suaves que anunciavam um novo dia e a partida da Dra. Petrova. Elliot e Lena estavam ali, entre os tells silenciosos de Kish, prontos para a despedida. A noite anterior, debruçados sobre as imagens das tabuletas e os fragmentos cuneiformes, havia sido um testemunho da profunda conexão intelectual que compartilhavam.

Lena virou-se para Elliot, um sorriso sincero em seus lábios. — É difícil ir embora, Elliot — Ela confessou, com um olhar que abrangia tanto as ruínas quanto o horizonte. — Há tanto ainda para descobrir aqui.

Elliot assentiu, seus próprios olhos fixos no solo antigo. — A sensação é mútua, Lena. Sua percepção e sua paixão por esses textos são inestimáveis. Tenho certeza de que você terá um impacto significativo na universidade.

O riso de Lena surgiu baixo, quase musical, mas trazia consigo uma ponta de ironia delicada, como se a observação que estava prestes a fazer fosse, ao mesmo tempo, uma confissão e uma provocação. O local onde estavam um acampamento improvisado cheio dos livros e equipamentos que conseguiram

para aquela jornada e até mesmo o cheiro do café preto forte recém coado, logo pela manhã despertava os sentidos e criava uma atmosfera de intimidade intelectual.

— Ainda me surpreende, Elliot — Disse ela, com a voz serena, mas carregada de uma franqueza rara. — Toda a sua seriedade, a forma como respeita o meu trabalho, o cuidado com que valoriza cada detalhe da pesquisa, cada anotação, cada fonte histórica e, acima de tudo, a maneira com que trata as mulheres da nossa profissão, com tanta igualdade e respeito. — Fez uma pausa breve, respirando fundo antes de concluir, quase sorrindo consigo mesma. — É curioso ainda me soa improvável que você seja do Brasil.

Elliot ergueu uma sobrancelha, e em seus olhos havia um brilho de humor contido, como quem se diverte com a previsibilidade daquela observação.

— E por que não, doutora Petrova? — Devolveu, numa entonação calma, mas firme, com um sorriso discreto nos lábios.

Lena, então, ergueu levemente as mãos e deixou que os ombros caíssem em um gesto natural, quase teatral.

— Pelo senso comum, imagino. — O olhar dela se desviou por um instante, como se refletisse sobre as próprias palavras. — Os estereótipos, você sabe... O Brasil é quase sempre reduzido às mesmas imagens: carnaval, caipirinha, samba e quando se fala dos homens brasileiros, a descrição costuma ser de pessoas expansivas, calorosas até em excesso, muitas vezes vistas como pouco sutis, sempre prontas a flertar. Você, Elliot, é justamente o oposto disso. Sua postura desde que lhe conheci me obriga a rever tudo o que eu acreditava conhecer do seu país acho que até vou te separar um tempo para fazer uma visita quem sabe.

Um silêncio breve se instalou. Elliot inclinou levemente a cabeça, como se aceitasse a provocação sem pressa de responder. Quando enfim falou, sua voz carregava uma suavidade que contrastava com a firmeza das ideias.

— O Brasil é muito mais do que essas caricaturas coloridas. É, na verdade, um país de contrastes profundos, há ciência, há literatura, universidades que produzem pesquisas notáveis, centros tecnológicos que se esforçam para acompanhar o mundo, comunidades que se erguem pela força da cultura e da solidariedade. Claro, também temos a música, a dança, as festas que expressam nossa alegria coletiva e isso, sem dúvida, é parte da nossa identidade. Mas acreditar que o Brasil se resume a isso seria tão reducionista quanto imaginar que a Rússia se define apenas pela Vodka ou pelo frio interminável.

Ele fez uma breve pausa, deixando que suas palavras repousassem no ar, e então prosseguiu, com um tom mais reflexivo, quase filosófico:

— Não vou negar Lena, temos problemas sérios, desigualdades que gritam em cada esquina e uma cultura que ainda precisa amadurecer em muitos aspectos. Existem feridas sociais e históricas que não cicatrizam da noite para o dia. Mas eu acredito, de verdade, que com tempo, dedicação e esperança depositada nas próximas gerações, podemos e devemos melhorar. O Brasil é imperfeito, como qualquer nação, mas está em constante movimento. Somos um país em construção, e mais será muito bem-vinda quando for fazer sua visita, quem sabe eu também estarei com você para ser seu guia.

As palavras ficaram pairando entre eles, mais densas do que qualquer ironia inicial poderia prever. Lena o observava em silêncio, e em seu olhar não havia mais apenas admiração pro-

fissional, mas um respeito genuíno pelo homem que falava com tanta convicção. Lentamente, um sorriso se formou em seus lábios, suave, mas carregado de significado.

— Você tem razão, Elliot. Nunca havia pensado dessa forma. — A expressão dela suavizou-se ainda mais, e sua voz ganhou uma tonalidade de reconhecimento. — Isso torna nossa parceria ainda mais valiosa, porque não é apenas científica, é também um encontro de mundos, de visões que se completam.

Com um gesto firme, mas ainda elegante, Lena estendeu a mão, o olhar refletindo tanto gratidão quanto a expectativa de um futuro promissor.

— Foi uma honra, Elliot. Mal posso esperar para ler seus relatórios sobre os próximos dias de trabalho. E, por favor, mantenha contato.

Elliot correspondeu ao gesto com igual firmeza. Seu aperto de mão não foi apenas um ato protocolar, mas a tradução silenciosa de respeito, reconhecimento e de uma camaradagem que nascera da confiança que crescia ao longo das últimas semanas.

— Pode ter certeza, Lena. — Respondeu, a voz grave, mas acolhedora. — E o mesmo para você. Acredito que esta será apenas a primeira de muitas colaborações. Volte em segurança para Washington.

Num gesto inesperado, Elliot manteve sua mão segurando a dela por um instante a mais, e então a puxou suavemente para mais perto, envolvendo-a em um abraço repentino, firme, mas cheio de naturalidade. Lena, surpreendida por um breve momento, logo riu e retribuiu o gesto com felicidade sincera, como se aquele contato quebrasse qualquer barreira cultural ou formalidade acadêmica.

— Agora sim — Sussurrou Elliot, sorrindo enquanto a soltava devagar — Você recebeu um abraço bem brasileiro.

Lena balançou a cabeça, divertida, os olhos brilhando. — Confesso que era exatamente o que faltava. — Disse, em um tom leve, mas carregado de afeto.

Por um instante, seus olhares se prenderam, como se ambos compreendessem, sem necessidade de palavras, que aquela despedida não era um fim, mas sim um início. Havia ali a semente de algo maior, que ultrapassava a simples troca de relatórios ou a formalidade acadêmica.

Lena então se afastou, caminhando em direção ao jipe que a aguardava. Seu passo era firme, mas carregava um ar de melancolia, como se cada movimento fosse consciente da importância do momento. Ao subir no veículo, lançou um último olhar para Elliot, e esse gesto silencioso dizia mais que qualquer despedida.

O motor roncou baixo e o jipe partiu, levantando atrás de si uma nuvem de poeira que dançava sob a luz dourada do fim de tarde. O sol, inclinado no horizonte, tingia o deserto de tons avermelhados, quase místicos, como se a própria terra guardasse na memória os ecos das civilizações que por ali floresceram e desapareceram.

Elliot permaneceu imóvel, acenando discretamente, até que a figura de Lena se perdesse na distância. Só então deixou o braço cair, respirando fundo. O silêncio que se instaurou em seguida não era vazio, nem opressor. Era um silêncio pleno, denso, carregado de significados.

O deserto, vasto e imutável, parecia envolvê-lo em uma quietude antiga, como se fosse testemunha de cada despedida e cada reencontro da humanidade ao longo dos séculos. Para Elliot, não era apenas areia e calor era um palimpsesto vivo, onde cada grão guardava fragmentos de histórias esquecidas, cada pedra murmurava lendas soterradas, cada sombra se tornava metáfora de algo maior.

Naquele instante, ele sentiu que a solidão diante da imensidão não o afastava da humanidade, mas o aproximava dela. O eco da parceria recém-selada, a promessa implícita de colaboração futura, a memória da mão firme e agora também do abraço inesperado de Lena tudo isso permanecia ao seu redor, impregnado no próprio ar seco do deserto.

E assim, envolto pelo silêncio ancestral e pelo sol escaldante de Kish, Elliot deixou-se ficar mais alguns minutos, absorvendo não apenas o cenário, mas também a certeza íntima de que cada passo dali em diante o conduziria não apenas a descobertas arqueológicas, mas também a encontros humanos que transformariam sua jornada.

STAFF

STAFF

STAFF

STAFF

STAFF

STAFF

STAFF

STAFF

STAFF

STAFF

STAFF

STAFF

STAFF



STAFF

STAFF

STAFF

STAFF

STAFF

ΠΡΟΤΥΠΟΝ ΤΗΣ ΑΓΙΑΣ

ΕΜΕΡΤΗΣ

ΕΥΧΑΡΙΣΤΙΑΣ

ΕΥΧΑΡΙΣΤΙΑΣ

ΕΥΧΑΡΙΣΤΙΑΣ

ΕΥΧΑΡΙΣΤΙΑΣ

ΕΥΧΑΡΙΣΤΙΑΣ

ΕΥΧΑΡΙΣΤΙΑΣ

ΕΥΧΑΡΙΣΤΙΑΣ

ΕΥΧΑΡΙΣΤΙΑΣ

ΕΥΧΑΡΙΣΤΙΑΣ

ΕΥΧΑΡΙΣΤΙΑΣ

Capítulo 1

“Não são os deuses que criam os homens, mas os homens que criam os deuses.” — Xenófanes de Cólofon

O Dr. Elliot Thompson, aos trinta e nove anos, carregava em si a rara síntese entre a vitalidade de um homem ainda jovem e o peso da experiência que só os que caminharam por terrenos proibidos podiam ostentar. Era como se o tempo tivesse depositado nele não apenas anos, mas camadas de histórias, de cicatrizes e de silêncios. Seus cabelos, outrora de um castanho uniforme, já exibiam discretos fios grisalhos nas têmporas. Não eram apenas marcas biológicas, mas testemunhos visíveis de noites mal dormidas em acampamentos improvisados, de fugas às pressas em zonas de guerra, de perdas nunca registradas em relatórios oficiais e de descobertas soterradas que jamais poderiam ser publicadas sem acender tochas de conflito internacional.

O olhar de Elliot, firme e inquisitivo, era o olhar de quem já tinha visto mais do que a prudência permitiria, de quem decifrava verdades que o mundo ainda não estava preparado para receber. Mesmo na relativa juventude, sua presença carregava uma gravidade incomum, a autoridade silenciosa de um homem que parecia viver em dois tempos ao mesmo tempo, o presente e os milênios que estudava. Era como se as eras antigas que ele desenterrava deixassem marcas invisíveis dentro dele, impregnando-lhe uma aura de antiguidade, como se fosse um contemporâneo dos reis sumérios que tanto estudava.

Cada passo na areia abrasadora do Iraque não era apenas o avanço físico de um arqueólogo em campo, mas o movimento ritual de um homem que perseguia algo maior uma resposta que o chamava desde a juventude e que agora, talvez, estivesse prestes a alcançar.

O sol, implacável, vertia sobre o sítio arqueológico uma luz inclemente, tornando-o quase uma miragem no horizonte árido. O vento quente soprava em rajadas, levantando poeira fina que se infiltrava em cada dobra de tecido, em cada poro da pele, lembrando-lhe constantemente que o deserto não concedia nada sem cobrar um preço.

Cada passo na areia quente do Iraque não era apenas um avanço físico, era a marcha de alguém que seguia em busca de algo que o perseguia há anos, respostas. O sol escaldante do deserto castigava o sítio arqueológico, solitário em meio ao terreno árido. O ar vibrava com o calor, criando miragens no horizonte.

Elliot ajoelhou-se diante de uma pequena estrutura sem importância aparente, quase escondida sob séculos de camadas de sedimentos. Com as mãos firmes, começou a retirar a poeira acumulada, revelando contornos que não deveriam estar ali. Uma laje de arenito, pesada e desgastada, bloqueava parcialmente a cavidade. À primeira vista, parecia apenas mais um fragmento estrutural mas havia algo estranho em seu encaixe, como se tivesse sido colocado não para sustentar, mas para ocultar.

Respirou fundo. Sozinho, reuniu forças. Deslizou os dedos pela superfície quente da pedra, buscando um ponto de apoio. O peso resistiu, como se o próprio deserto se negasse a revelar o que escondia. O esforço lhe arrancou gotas de suor que ardiam

nos olhos, mas com um último esforço colocando sua força nos pontos certos, a laje cedeu, deslizando com um rangido seco, expondo o espaço vazio por baixo.

Foi então que Elliot viu.

Não havia ouro, nem adornos, nem nada que pudesse saciar a vaidade dos caçadores de tesouros comuns, uma tábua em boas condições, não um fragmento ou pedaço quebrado como era de comum de estarem artefatos de até 3000 anos ou mais, mesmo sendo sua maior quantidade moldada em pedras e cerâmicas, o tempo fazia seu papel como em qualquer outro objeto, danificava envelhecia e muitas vezes destruiria a maior parte, mas uma estrutura sólida, intacta em seu núcleo, que parecia brilhar sob a luz filtrada pela fenda recém aberta. Ajoelhado diante da descoberta, Elliot limpava com delicadeza a poeira acumulada. Cada movimento era meticuloso, quase cerimonial, como se temesse que um gesto em falso pudesse romper o elo frágil entre presente e passado. Sob suas mãos, a tábua revelava-se em camadas. A moldura externa, corroída, denunciava o peso dos séculos rachaduras finas como rugas profundas marcavam sua superfície, denunciando sua fragilidade. Mas o núcleo o verdadeiro coração do artefato permanecia intacto, sólido, quase como se tivesse sido preservado de propósito, protegido por alguma força que escapava às explicações da arqueologia tradicional. A superfície lisa refletia a luz do deserto com um brilho sutil, metálico, como se o objeto tivesse sido forjado não apenas para durar, mas para desafiar o próprio tempo.

Com a respiração entrecortada, Elliot inclinou-se para observar as inscrições. Muitos caracteres estavam gastos, corroídos, fragmentados ao ponto de se tornarem meras sombras de si mesmos. Ainda assim, seus olhos treinados conseguiram captar

fragmentos que o deixaram em suspense. Havia menções claras à criação do homem não no sentido mítico já conhecido das lendas sumérias, mas de forma mais direta, quase científica.

E então o choque: ao redor das inscrições sumérias, entrelaçavam-se símbolos que pertenciam a tradições completamente distintas. Hieróglifos egípcios sim, reconhecíveis mesmo sob o desgaste surgiam como intrusos improváveis naquela superfície. E, ainda mais perturbador, caracteres em grego antigo se mesclavam ali, como se o objeto fosse não apenas um testemunho sumério, mas um palimpsesto da própria humanidade.

Elliot passou os dedos levemente sobre um dos trechos e prendeu a respiração, sua mente trabalhou rápido para formar palavras a partir dos fragmentos gregos, em sua mente pensava o quanto a experiência de Lena com esses idiomas lhe seria útil agora, se ela ficaria tão surpresa como ele ficara ao ver textos gregos em algo que deveria vir de um tempo muito, mas muito antes mesmo que a própria cidade de Atenas, mas não poderia contar com a ajuda dela, não com isso, não queria que ela fosse ligada a esse objeto, seus pensamentos foram afastados quando uma frase parcial tomou forma sussurrada dentro dele como um eco que vinha de séculos distantes:

βιολογικά όπλα

“...arma biológica”

Um arrepio gelado percorreu sua espinha, em violento contraste com o calor que o consumia sob o sol. A ideia era perturbadora: e se estivessem ao perigo de algo desconhecido um

vírus, uma bactéria ou talvez até mesmo algo pior algo que possa acabar com a espécie humana ou que já afetou antes.

Ele engoliu em seco. Sabia que ainda havia muito mais a decifrar, trechos inteiros que se perdiam em lacunas, pedaços apagados pelo tempo. Mas uma coisa já estava clara estava diante de algo absolutamente extraordinário e, ao mesmo tempo, perigoso.

Elliot saiu do local onde a tábua estava escondida com passos calculados, o coração ainda acelerado pela excitação da descoberta. A luz do entardecer tingia as paredes antigas de tons dourados e laranja, e ele sentiu a breve pressão da responsabilidade que agora carregava consigo. Não podia deixar que ninguém ali soubesse o que tinha realmente encontrado.

No fim do dia quando a carona de Elliot chegara, dois carros escuros aguardavam. Um dos integrantes da equipe, rosto parcialmente escondido, acenou para ele se aproximar. — Boa tarde, doutor. Tudo conforme combinado? — Elliot assentiu, mantendo o semblante calmo.

Enquanto entrava no carro, conversava com um dos homens, revelando apenas o necessário. — Não encontramos nada de definitivo desta vez. Apenas vou descansar, revisar equipamentos e preparar tudo para a próxima etapa. — Havia, claro, a intenção de ocultar a verdadeira magnitude de sua descoberta.

Na mala que carregava, cuidadosamente, Elliot entregou alguns dos itens mais importantes que ele e Lena tinham recuperado. O homem que recebeu a mala os examinou com atenção, separando-os de outros equipamentos e colocando em um carro à parte, destinado a outro local seguro. Elliot observava

cada movimento, garantindo que ninguém suspeitasse do que estava escondido em sua própria bagagem.

Quando chegaram ao hotel discreto, localizado em uma rua quase deserta, Elliot subiu até seu quarto sozinho. A chave girou com um clique seco, ecoando pelo corredor silencioso. Ele trancou a porta e respirou fundo, o peso do segredo pressionando seus ombros. A luz fraca do abajur iluminava uma mesa abarrotada de documentos, equipamentos e mapas. Cada detalhe era revisto: passagens aéreas, identidades alternativas, roupas e itinerários. Tudo meticulosamente preparado para a fuga que viria nas próximas horas.

Enquanto organizava a bagagem, a sensação de vigilância nunca o abandonava. Ele podia sentir, em cada sombra que se alongava pelo quarto, a possibilidade de olhos desconhecidos observando, de passos invisíveis se aproximando. E, ainda assim, havia uma calma calculada em seus gestos. A tábua estava segura, o segredo mantido, e a próxima fase da busca já se delineava em sua mente, clara e inevitável.

Elliot sabia que, embora temporariamente desaparecesse do radar de todos, não permaneceria invisível por muito tempo. Precisava apenas manter a descrição até se afastar dos olhos atentos de seus contratantes. Cada segundo ali era um delicado equilíbrio entre agir com naturalidade e proteger o segredo que carregava.

Ele se aproximou da janela, pressionando a testa contra o vidro frio. A cidade se estendia abaixo, um emaranhado de ruas e luzes que piscavam como faróis de alerta, lembrando-o de que cada passo fora observado, cada movimento poderia ser rastreado. O peso da responsabilidade se misturava à excitação da des-

Coberta, ele sentia o poder de escolha pulsando em suas mãos, uma força que podia mudar rumos e destinos, mas também destruir se mal manejada.

Retirou o celular do bolso e digitou rapidamente uma mensagem de voz, mantendo o tom baixo e cuidadoso

— Adônis, estou voltando para o Brasil. Encontrei algo importante.

— As palavras foram medidas, cada sílaba escolhida para transmitir a urgência sem revelar o segredo. Elliot sabia que Adônis entenderia o suficiente, algo grande estava em movimento, algo que exigiria cuidado e precisão.

Após enviar a mensagem, Elliot se sentou à mesa, as mãos pousadas sobre a bagagem e os equipamentos. Cada detalhe precisava ser revisado mais uma vez: passagens, identidade falsa, rotas alternativas até o aeroporto. Respirou fundo, sentindo o cheiro do couro da mala e do papel antigo das passagens, uma mistura que lhe trouxe lembranças de viagens passadas e de perigos enfrentados.

Ele deixou que os pensamentos vagassem apenas por um instante, imaginando Lena e o ritmo incerto de suas próprias descobertas. Depois, sacudiu a mente; não podia se distrair. Cada segundo contava, e a cidade lá fora continuava alheia à batalha silenciosa que se desenrolava dentro daquele quarto de hotel.

Enquanto guardava os últimos documentos, Elliot percebeu algo quase imperceptível: a sombra de um carro estacionando do outro lado da rua. Um alerta silencioso, um lembrete de que a vigilância era constante. Ele fechou a mala com cuidado, verificou mais uma vez o esconderijo improvisado da tábua, e se preparou para sair. Cada ação era calculada, passo a passo, detalhe a detalhe.

Quando finalmente se afastou da janela, respirou fundo, sentindo o frio e a tensão se dissolverem momentaneamente. O mundo lá fora parecia tranquilo, indiferente, mas Elliot sabia que o verdadeiro desafio estava apenas começando. Com a mala na mão e o coração pulsando, ele se dirigiu para a porta do quarto, pronto para desaparecer temporariamente no fluxo da cidade, rumo ao aeroporto e a uma nova identidade.

O táxi deslizou silencioso pelas ruas estreitas, iluminadas por lâmpadas amareladas que lançavam sombras alongadas sobre as fachadas antigas. Elliot permanecia no banco de trás, observando cada movimento ao redor, atento a carros suspeitos ou pedestres que pudessem fora de lugar. A mala de bordo repousava ao seu lado, cuidadosamente organizada, e dentro dela, entre roupas e documentos falsos, a tábua estava oculta em uma agenda meticulosamente fabricada um artifício que transformava o objeto em algo banal e inofensivo aos olhos de qualquer fiscalização.

No aeroporto, ele se movimentava com a precisão de um veterano. A identidade de turista de voo particular, acompanhada de uma autorização especial de alto nível, abriu todas as portas sem questionamentos. Cada passo era calculado sorrisos discretos, gestos naturais, olhar casual. Ele passou pelo raio-x sem nenhum alarme soar, a agenda falsa com a tábua não despertou suspeitas, e Elliot sentiu, por um instante, a leve satisfação silenciosa de uma missão cumprida.

Enquanto aguardava a chamada para embarque, Elliot verificava cada detalhe do voo. O bimotor fretado aguardava na pista, pequeno e ágil, perfeito para voos discretos e com escalas estratégicas. A primeira parada seria apenas uma escala de reabastecimento, um ponto seguro antes do trecho final rumo ao

Brasil. Ele conferia mapas de rota, horários e altitudes, absorvendo cada informação, antecipando movimentos e possíveis imprevistos.

Ao entrar no avião, Elliot cumprimentou o piloto, um homem de meia idade que não fazia muitas perguntas contando que recebesse o valor correto de seus serviços, também não falava muito talvez fosse por isso tinha sido bem recomendado a ele dias antes quando subornou uma comissaria para lhe dar informações sobre o sistema aéreo e descobrir que esse era o piloto mais discreto fora do radar neutro e absurdamente caro que podia achar. sentiu o aroma do couro novo e do óleo do motor. O interior, embora compacto, oferecia privacidade suficiente para que pudesse organizar novamente sua bagagem de mão, revisando a posição da agenda e assegurando que a tábua permanecesse escondida e protegida. Um veículo novo e em boas condições embora já tendo sido modificado para ter um tanque maior que o normal cada detalhe era crítico, qualquer distração poderia comprometer meses de trabalho e descobertas.

Enquanto o bimotor ganhava altura, Elliot observava a cidade se tornar um mosaico de luzes e sombras. A sensação de vulnerabilidade se misturava com a adrenalina do sucesso, ele estava fora de alcance, pelo menos por ora, mas ainda consciente de que o perigo e os olhos atentos de seus contratantes não estavam tão distantes quanto pareciam.

Durante a escala, enquanto reabasteciam e verificavam o motor, Elliot permanecia dentro da cabine, revisando mentalmente o plano de voo seguinte, seu itinerário no Brasil e os próximos passos da missão. A cada instante, a sensação de estar carregando algo de imenso valor algo capaz de mudar tudo

apertava seu peito, lembrando-o da responsabilidade silenciosa que agora pesava sobre seus ombros.

Elliot conversava com Adônis enquanto aguardava do lado de dentro do avião olhando furtivamente pela janela para ver a movimentação do lado de fora, nada suspeito tudo surpreendentemente profissional, dizia a Adônis que gostaria de sua ajuda e que era importante.

— Algo importante? Que tipo de descoberta? — Perguntou Adônis, com um tom cético. — Você não está envolvido em alguma teoria conspiratória, está? Não seria a primeira vez que você se mete nesses assuntos duvidosos e perigosos.

— Não é teoria, Adônis. É algo real. Algo que pode mudar a forma como entendemos a humanidade — Disse Elliot, com a firmeza de quem sabia que havia muito além do que podia revelar em palavras. — Mas não posso entrar em detalhes agora. Não seria sensato.

Adônis arfou ao telefone demonstrando assim claramente sua objeção a pouca informação, mas havia compreensão por parte dele.

— Certo, entendo. Fique tranquilo. Vou estar esperando quando você chegar e farei o possível para ajudar com o que precisar — Fez uma pausa, dando ênfase às palavras. — Mas, assim que puder, quero mais informações. Preciso saber no que estamos nos enfiando.

Elliot concordou, sentindo uma ponta de alívio.
— Você terá suas respostas, Adônis. Mas por enquanto, meu foco é chegar seguro.

— Tudo bem — Disse Adônis — Então vou aguardar, e farei o que puder para facilitar sua chegada. Mas não pense que eu vou esquecer de cobrar as informações que me deve, já me meti em muita confusão por não fazer as perguntas certas para você, e olha que somos amigos.

Elliot sorriu levemente, mantendo o ar de mistério.

— Nunca quis omitir nada de você. Apenas preciso garantir que tudo esteja no lugar antes de contar tudo.

Quando finalmente o bimotor retomou o voo, Elliot se recostou na poltrona, permitindo-se por um instante sentir o conforto da viagem embora fosse um conforto inquieto, sempre temperado pela vigilância constante. À frente, o Brasil esperava, e com ele, uma nova etapa de riscos e decisões calculadas.

Ao pousar no Aeroporto Internacional de Viracopos, em Campinas, Elliot carregava a segunda Tábua de Kish cuidadosamente escondida em sua bagagem. A sensação de alerta aumento, agora, não poderia mais contar com seu status VIP. Para entrar no país, teria de apresentar seus documentos verdadeiros, expondo-se a uma inspeção comum e à perda da discricção que o voo particular lhe oferecia.

No balcão da alfândega, o funcionário analisou cada detalhe de sua bagagem no raio-x antes de falar:

— Senhor, poderia abria a bagagem de mão por favor.

— Apenas alguns livros e anotações — Respondeu Elliot, mantendo a voz leve, embora cada palavra fosse medida. A tensão pulsava sob a superfície, um lembrete constante do segredo que carregava.

O olhar desconfiado do funcionário pousou sobre ele, percebendo talvez um leve tremor em sua mão.

— Vamos precisar verificar sua bagagem, pode me acompanhar para um lugar mais reservado para evitar tumultos.

Elliot respirou fundo, sentindo o peso da tábua escondida entre os livros da bagagem de mão. Cada batida de seu coração reverberava em seus ouvidos como tambores, ritmada e intensa, misturando-se ao som contínuo das esteiras rolantes e ao zumbido suave do scanner de raio-x. O cheiro metálico do equipamento se misturava com o aroma de plástico novo e papel das etiquetas, criando uma atmosfera fria e tensa.

Ele observava cada gesto do funcionário, atento aos mínimos sinais o modo como inclinava a cabeça, o leve franzir de sobrancelhas, a maneira como suas mãos pairavam sobre a mala, hesitando por um instante antes de pegar um objeto. Elliot sentiu uma corrente de adrenalina percorrer sua espinha, mas manteve o semblante calmo, quase casual, como se estivesse apenas aguardando o café ser servido.

— Entendo sua preocupação. Sou arqueólogo e estou trazendo alguns artefatos para estudo. Nada que represente algum risco — Disse, a voz firme, porém discreta, controlando cada nuance para não despertar suspeitas.

O funcionário inclinou-se levemente sobre a esteira, examinando cada livro e pasta com atenção quase obsessiva, os olhos atentos ao reflexo do vidro do scanner. Elliot percebeu o som metálico das etiquetas sendo tocadas, o clique da tampa da bagagem sendo manipulada, o ruído sutil do scanner detectando cada contorno de papel e tecido. Cada segundo parecia se alon-

gar, o tempo se esticando, pesado e tenso, como se todo o aeroporto tivesse parado para observá-lo.

Um pequeno suor escorreu pela têmpora de Elliot, mas ele controlou o impulso de secá-lo. Finalmente, após o que pareceu minutos infinitos, o funcionário assentiu, com um gesto seco e breve.

— Está tudo certo. Pode prosseguir.

Elliot soltou o ar contido, sentindo um misto de alívio e alerta. Com movimentos calculados, guardou a agenda com a tábua, certificando-se de que ela permanecesse intacta e invisível. Cada gesto seu era medido, quase ritualístico, como se cada detalhe pudesse determinar se o segredo sobreviveria à próxima hora.

Do lado de fora, Adônis esperava, os braços cruzados, os olhos fixos, alternando entre curiosidade e desconfiança.

— Então, o que você encontrou? — Indagou Adônis, enquanto eles se afastavam do aeroporto.

— Uma tábua, sei que é algo muito importante, tenho algumas teorias a respeito, mas nada muito concreto ainda — Retrucou Elliot, com um brilho de empolgação no olhar.

— Que tipo de teorias você já possui? — Adônis franziu o cenho.

—A verdade meu amigo, ou ao menos parte dela, algo que finalmente vai esclarecer algumas de nossas dúvidas mais anti- gas — Elliot retrucou, com uma convicção que fez o amigo se preocupar.

— Você está falando sobre uma nova revelação, um novo ramo a ser estudado, ou uma atualização em algo que já sabe-mos? tem que me falar um pouco mais. — Falou Adônis

— Não é má vontade Adônis. A verdade é que não há o suficiente para lhe dar muitas informações, porém o melhor é que isso é algo que vamos descobrir juntos algo que diz respeito à nossa civilização como um todo. — Elliot retrucou, com uma convicção que fez o amigo se preocupar.

— Elliot, tem ideia do que isso pode significar? Você está se metendo em algo grande— Sussurrou Adônis.

— Eu sei, mas não posso ignorar. Preciso entender o que essa tábua revela.

Adônis suspirou e, finalmente, assentiu.

— Estou com você, mas como conseguiu passar pela fiscalização com isso?

Elliot sorriu, agora mais relaxado.

— Aparentemente, o inspetor te devia um favor, não é?

Adônis levantou uma sobrancelha, surpreso.

— Como você sabe disso?

Elliot revelou que mesmo o objeto dele não sendo perigoso e não acionando os detectores de metais ainda seria visto em uma verificação visual, e que tinha quase certeza que fora liberado assim que o segurança pegou sua agenda mais pesada com desconfiança, e pediu para lhe falar que agora estão quites. Nem imagino o que você fez para ajuda-lo, mas tenho certeza

que era algo importante para ele, pois ele rapidamente e de bom gosto me liberou sem hesitar.

Adônis balançou a cabeça, sorrindo.

— Bem, parece que meus contatos finalmente foram úteis. Então você quer que eu realmente te ajude com isso?

— Preciso disso, Adônis. Esse é só o começo — Retrucou Elliot, aliviado por contar com a ajuda do amigo.

Juntos, eles partiriam para entender o mistério que a segunda Tábua de Kish guardava, um segredo que parecia desafiar tudo o que eles conheciam sobre a humanidade.

Adônis concordou em ajudar Elliot, embora o peso da descoberta parecesse maior a cada minuto.

— Sim, vou te ajudar — concordou Adônis, com uma firmeza que mascarava sua apreensão. — Mas precisamos de mais pessoas para lidar com isso. Esse assunto é maior do que nós dois.

Elliot concordou, embora hesitante. Não sabia exatamente em quem mais poderia confiar algo dessa magnitude.

— Conheço uma pessoa — Falou Adônis — A Dra. Sophia Patel, uma cientista especializada em mitologias antigas e línguas perdidas.

Elliot arqueou as sobrancelhas, intrigado.

— Dra. Sophia Patel? Conheço esse nome de algumas publicações, mas não sabia que você era tão próximo dela.

